

Universalidades e singularidades juvenis: cotidiano, nomadismo, consumo cultural

Silvia Helena Simões Borelli

Os jovens aqui referidos moram na cidade de São Paulo, com suas respectivas famílias, em bairros e moradias diferenciados, no contexto da metrópole paulistana. O acompanhamento de seu cotidiano foi possível durante a realização de uma Pesquisa Qualitativa de Recepção de Telenovelas*, que permitiu que ficássemos em contato com eles e suas famílias, durante a veiculação, no ano de 1997, pela Rede Globo de Televisão, no prime-time, da telenovela *A Indomada* (Aguinaldo Silva e Paulo Ubiratan).

Antes de falar de suas percepções, expectativas, desejos e de seus hábitos, consumo e inserção na vida cotidiana da metrópole, vale a pena um rápido comentário sobre o perfil e o modo de vida das famílias nas quais estes jovens estão inseridos.

O primeiro critério de seleção incidiu na escolha das famílias por tipos de moradia - casa em favela, habitação auto construída, apartamento financiado por planos de habitação do Governo Federal, casa própria em condomínio “fechado”, “seguro” e “de alto luxo” - e garantiu a variação das condições social, econômica e cultural e, conseqüentemente, a localização destas famílias em diferentes estratos no contexto mais geral da sociedade.

Além disso, selecionamos famílias cujos modelos de composição apresentam-se mais condizentes com os novos perfis familiares que compõem a vida cotidiana nas grandes cidades brasileiras: mulheres sem parceiros, que se responsabilizam pela criação dos filhos; filhos adotados convivendo com filhos biológicos; apenas mulheres, mãe e filhas, vivendo em uma única casa; família nuclear, mas de característica extensiva, em função do tipo de moradia (há, no fundo do terreno, uma pequena casa conjugada onde moram outros parentes); um casal vivendo, cada um, uma segunda relação, com filhos atuais e de casamentos anteriores; família nuclear, com três filhos, sendo que duas são gêmeas e todos são adotados; e a presença de uma família de descendência afro-brasileira que permitiu a especificidade da reflexão sobre diferentes etnias no contexto mais geral da análise.

Com isto, não só foi possível equacionar mudanças, cada vez mais crescentes na composição familiar, como também, incorporar outras variáveis, além das basicamente sócio-econômicas, fundamentais para a análise, como as de gênero, geração, etnia, nível de escolaridade, etc.

A pesquisa contou com a participação de um grupo de pesquisadores¹ e teve sua coleta e análise dos dados organizada ao redor de um conjunto significativo de instrumentos de trabalho e de combinação de técnicas de pesquisa², capazes de garantir um bom nível de reconhecimento do campo e de segurança na elaboração da análise e da interpretação.

Os referenciais teóricos partiram de um diálogo com os estudos de produção e recepção midiáticas, fundamentaram-se, prioritariamente, na *teoria das mediações* preconizada por Jesús Martín-Barbero³ e resultam em alguns princípios aqui em destaque: de que a vinculação entre produtores, produtos e receptores se dá por meio de um permanente processo de negociação simbólica; nele, os receptores relacionam-se com os meios de comunicação, através de um conjunto de mediações, que lhes permite a apropriação, o uso e a atribuição de significados particulares; supõe, também, a existência de um *repertório compartilhado* construído por meio de narrativas capazes de ativar *hábitos* e aptidões *culturais* e *técnicas*, que resultam tanto de um *pacto de recepção*, quanto de uma *competência textual narrativa* passível de acionar memórias, repor tradições e matrizes culturais.

As mediações selecionadas para este trabalho foram: *cotidiano* - cenário espacial e temporal onde se efetiva a dinâmica familiar, as rotinas e as práticas dos receptores; *subjetividade* - a possibilidade de construção de identidades e sensibilidades que se expressam tanto nas relações entre indivíduos e meios de comunicação, quanto na individualização dessas mesmas relações dentro do contexto familiar; *gêneros ficcionais* - territórios de ficcionalidade (melodramas, comichidades, narrativas policiais, etc), entendidos como matrizes culturais de produção e reconhecimento de sentidos, ativadoras de competências culturais e formadoras de *repertórios compartilhados* na relação entre produção e recepção; e, finalmente, *videotécnica* - espaço de reconhecimento dos dispositivos tecnológicos de produção e recepção, responsável, também, pela constituição dos já referidos *repertórios compartilhados*.

DE QUE JOVENS SE FALA?

O quadro abaixo relacionado nos permite visualizar o perfil e as condições sociais básicas dos jovens envolvidos nesta pesquisa de recepção de telenovelas, no momento de sua realização. Eles têm entre 10 e 20 anos; todos freqüentam a escola, do 1º grau à faculdade; são brancos e afro-brasileiros; as características e a área de cada habitação - entre 28 e 205 m² -, aliados à desmedida oscilação da renda familiar - entre 100 e 4.000 dólares⁴ - revelam o

profundo grau de desigualdade que caracteriza os diferentes grupos sociais no Brasil. A leitura deste quadro permite, ainda, a observação e reiteração do que parece óbvio: a existência de uma inevitável relação entre renda familiar e qualidade de vida, que faz com que as escolas sejam melhores ou piores, que os jovens tenham mais ou menos acesso ao lazer e a itens prioritários do consumo cultural, que o atendimento à saúde seja precário ou acessível e que sua relação com a cultura se estabeleça mediada por um repertório inerente à sua vida cotidiana.

QUADRO Nº 1

família/nome	idade	tipo/tamanho da moradia	escolaridade	etnia	renda familiar (US\$ - mensal)
Família 1 Fernanda Sheila (adotiva)	11 10	casa favela - 28m ²	4ª série - 1º grau 3ª série - 1º grau	branca afro-brasileira	100
Família 2 Juliana Joana João Paulo	20 16 12	casa auto construída - 80m ²	2º grau completo 2ª série - 2º grau 6ª série - 1º grau	afro-brasileira afro-brasileira afro-brasileira	750
Família 3 Tatiane Maurício	14 12	apartamento financiado - 60m ²	7ª série - 1º grau 4ª série - 1º grau	branca branca	2100
Família 4 Flávio (adotivo) Paula (adotiva) Beatriz(adotiva)	20 18 18	casa condomínio luxo - 205m ²	3º grau incompleto 3ª série - 2º grau 3ª série - 2º grau	branca branca branca	4000

Com o objetivo de abrir o debate teórico sobre o tema e definir alguns traços de referência, esclarece-se que a abordagem aqui adotada afasta-se das perspectivas que tradicionalmente agregam à *figura social da juventude*, duas qualificações: de um lado, *criminalização* e *delinqüência*, que marcariam as camadas pauperizadas; de outro, o *conformismo*, destinado aos jovens de classes médias.

As perspectivas teóricas aqui trabalhadas distanciam-se, também, da idéia de que o adolescente vive apenas um momento *de passagem entre a infância e a idade adulta*, em que predominariam *imaturidade, instabilidade, irresponsabilidade, improdutividade*⁵.

Do ponto de vista do protocolo metodológico, é importante esclarecer que o cotidiano destes jovens foi apreendido dentro do circuito da casa e da família e

não em livre trânsito pela metrópole⁶, espaço de onde emergem inúmeras outras informações sobre modos de vida, expectativas, violência, lazer e consumo cultural, informações estas mais difíceis de serem obtidas quando o jovem se encontra próximo a suas referências de origem. Isto não impede, entretanto, que esse grupo seja concebido teórica e metodologicamente não como um bloco homogêneo, mas como *um objeto nômade, de contornos difusos*. Em outras palavras: ainda que nesta pesquisa os jovens tenham sido observados e analisados dentro do contexto familiar – ou seja, territorializados espacialmente – reforça-se aqui a idéia de *nomadismo*, também como condição de percepção, sensorium e sensibilidade juvenis.

Dentro deste quadro de referências sobre sensibilidades juvenis, há uma hipótese a ser equacionada: enquanto as gerações anteriores tenderiam a dialogar com modelos mais conservadores de conduta e percepção, os jovens buscariam novas formas de sensibilidade por meio de uma perspectiva *nômade* que lhes permitiria apreender e vivenciar o mundo através de *fluxos* transversais – espaciais e temporais – que recortam, indistintamente, territórios, classes sociais, universos virtuais. Aos cotidianos em fluxo e aos novos sensorios - ou mesmo às *estruturas de sentimentos*⁷ - deveria corresponder uma reflexão capaz de questionar a rigidez de um tipo de conhecimento que privilegia a reprodução, em detrimento de um saber mais errante e menos territorializado.

Há, ainda, um outro ponto que merece destaque na reflexão sobre juventude, nestes contextos de contemporaneidade: a necessidade que os jovens têm de responder e se adequar às novas formas de sociabilidade geradas num mundo de turbulências e transformações. Estas bruscas mudanças alteram parâmetros de repertório e sentido e obrigam a que todos equacionem, ao mesmo tempo, o respeito às antigas tradições – como família, instituições, etc. – e incorporem com rapidez e eficiência novas alternativas colocadas pela planetarização da cultura, pelo mercado de bens simbólicos e pelas novas tecnologias⁸.

Dois perspectivas aqui se destacam e se colocam como referências fundamentais e simbioticamente articuladas: a primeira delas, diz respeito à possibilidade de se pensar a juventude enquanto categoria universal e como um dos segmentos constitutivos do imaginário contemporâneo⁹. Incluem-se, nesta abordagem, as análises históricas que partem de alguns substratos universais – conflitos geracionais, linguagem, rebeldia, heroísmo e aventura, adesão ao movimento e ao jogo, ligação ao presente e rejeição ao passado, recusa da experiência, auto-realização, exaltação da vida privada, ideal de beleza, amor e felicidade, entre outros¹⁰ – e preconizam que todos os jovens respondem por um padrão de identificação capaz de torná-los visíveis em qualquer parte do mundo.

Apregoam, ainda, que as sociedades modernas estão prioritariamente organizadas ao redor de um modelo de juvenilização.

A segunda perspectiva busca responder pelo outro lado da reflexão: além da juventude constituir-se como categoria universal, os jovens são também singulares, organizam-se em grupos particulares e há a necessidade de se construir um protocolo teórico-metodológico capaz de responder por este ou aquele grupo, por sua inserção na hierarquia de classes e no contexto das desigualdades sociais, sua origem étnica, posição de gênero, nível de escolaridade, condições de moradia, pertencimento familiar, consumo cultural, entre outros.

Ainda que conflitivas em muitos pontos, essas vertentes não são encaradas como polarizadas e excludentes: a reflexão incorpora como fundamental a perspectiva histórica, de cunho universalizante; e assume, também, como imprescindível a compreensão das diferenças, dos segmentos – como variáveis de classe, etnia, gênero, nível de escolaridade, – capazes de mapear, com densidade, a especificidade dos jovens em diferentes momentos e lugares da história, e de contribuir, também, para a compreensão da juventude como categoria universal.

JOVENS DIANTE DO CONSUMO, DA TV E DA VIDA

Ainda que o consumo esteja diretamente vinculado às condições sócio-econômicas e culturais das famílias – afinal, pauperização e exclusão social são dados inquestionáveis – e a referência ao *habitus* apareça como um elemento bastante significativo, não é possível cristalizar ou reproduzir o *gosto*, o *estilo*¹¹ e a escolha dos jovens aos exclusivos parâmetros das posições ocupadas pelas famílias na hierarquia social e nem reduzir o consumo à “compra de mercadorias”: afinal de contas, como já disse Canclini, “o consumo serve para pensar” e “no consumo se constrói parte da racionalidade integrativa e comunicativa de uma sociedade”¹².

No caso particular dos jovens envolvidos nesta pesquisa a desigualdade social é evidente e interfere diretamente no consumo material de bens e na atitude diante da vida. Um bom exemplo de caracterização deste contexto pode ser observado na análise comparativa do *estilo de vida* das Famílias 2 e 4, compostas por jovens de faixa etária próxima, entre 16 e 20 anos¹³: os de estratos sociais mais elevados (Família 4) nem sempre trabalham e vivem aquilo que vem sendo denominado de *moratória social*¹⁴; normalmente fazem faculdade ou estão se preparando para ela, vão com regularidade ao cinema e a *shopping centers*, freqüentam bares e festas, têm *aulas de piano, ballet ou dança de salão* e praticam *hipismo, futebol, patinação e musculação*; possuem um alto padrão de conforto, que pode ser verificado pela quantidade e diversidade de aparelhos eletrodomésticos, eletroeletrônicos, equipamentos de informática e automóveis de que

são usuários; e passam boa parte do tempo questionando o comportamento *tradicional e conservador* dos pais que os impedem de assumir novas atitudes, principalmente aquelas que dizem respeito aos temas vinculados à sexualidade e ao prazer e que interferem, mais diretamente, no cotidiano feminino.

Já os jovens que vivem na periferia (Família 2) começam a trabalhar muito cedo¹⁵, *sonham* com a possibilidade de cursar uma faculdade e manobram com hipóteses como a de fazer um curso de prótese, ou um curso para modelo e manequim. Convivem em suas casas com um acervo de eletrodomésticos – *freezer, batedeira, geladeira, secadora de roupa* – e aparelhos eletro-eletrônicos¹⁶ – *vídeo cassete, aparelho de som, dois televisores, telefone e TV a cabo*; quando saem do universo doméstico, ganham a cidade para ouvir música e dançar em danceterias populares; e o lazer periódico refere-se, para os rapazes, ao futebol jogado em gramados do bairro. *Ouvir música e assistir à televisão* apresentam-se para todos, rapazes e moças deste estrato social, como grandes referências de ocupação regular do tempo livre e de reconhecimento de novas formas de sociabilidade que mexem com seu imaginário e os impele a buscar novas alternativas para o preenchimento de um cotidiano mais restrito. Assim como os jovens da família anteriormente analisada – e, com certeza, como os jovens de qualquer família –, estes também questionam a moral religiosa e familiar, e reivindicam uma maior abertura em relação aos tabus e proibições, principalmente aqueles inerentes à ordem da sexualidade. Apenas para se ter uma idéia: o trecho do enredo mais citado, comentado e discutido da telenovela *A Indomada*, por esta e por todas as famílias, foi o relacionado ao jovem casal, Carolaine e Felipe, as voltas com a primeira transa, a perda da virgindade, a gravidez na adolescência, a relação sexual com ou sem camisinha e assim por diante. Ouvimos de um pai emocionado que, através da discussão da trama da novela ele tinha conseguido, pela primeira vez, “falar de sexo” com suas filhas!

Vale ressaltar que *escutar música e dançar* aparecem como atividades que independem da classe social e fazem parte do cotidiano de todos os jovens aqui envolvidos. Há uma preferência comum por estilos musicais como samba, pagode e axé que é compartilhada, indistintamente por todos, com apenas um destaque: a enfática predileção pelo *reggae*, manifestada pelos jovens da Família 2, de descendência afro-brasileira.

Nota-se que um dos elementos norteadores do consumo cultural destes jovens de diferentes estratos sociais diz respeito ao relacionamento que estabelecem com as novas tecnologias, geradoras de formas alternativas de sensibilidade, fundamentalmente, computadores e Internet ou mesmo *videogames* e outras variedades de jogos eletrônicos.

Ainda que em 1997, ano de realização da pesquisa de campo, os usos da Internet e do computador estivessem em ascensão, mas não tão disseminados quanto estão hoje¹⁷, pode-se observar que, para os jovens de inserção mais abastada (Famílias 3 e 4), isto já se colocava como opção: possuíam computadores instalados em suas próprias casas, mesmo que estes não estivessem incorporados, com regularidade, à vida cotidiana. Entretanto, mesmo para uma das meninas moradoras da favela (Família 1), a aula de computação na escola era esperada e desejada, pois apontava, *com certeza*, para um novo e *fantástico* mundo de possibilidades e alternativas, nem sempre claras, e cujas razões objetivas não podiam ser ainda verbalizadas; mas o texto, escrito no computador, sobre *o homem e o meio ambiente* tornava-se uma promessa, um horizonte de expectativas e possibilidades.

Mesmo que os jovens de faixa etária semelhante, mas de estratos sociais opostos (Família 2 e 4), afirmem *não gostar de televisão - assisto à pouquíssima televisão; assisti quando criança, depois dos 13 anos parei, acho que cresci!* -, a observação de seus cotidianos nem sempre confirma estas declarações e revela, pelo contrário, que a televisão está bastante presente nas rotinas diárias e diminui ou aumenta de intensidade, de acordo com as maiores ou menores perspectivas de lazer. Talvez seja interessante observar que a recusa *ideológica* da televisão permite explicitar a existência de um critério já incorporado de *distinção*, que hierarquiza os campos sociais e fabrica um discurso que transforma a TV em produto pouco *legitimado*¹⁸ diante do cinema, da música e de outros campos, como o teatro, por exemplo, quase inacessível a parcelas carentes da população, mas citado como item fundamental por todos os entrevistados.

Medo e violência fazem parte do cotidiano de todos os jovens e compõem o cenário espacial vivido na metrópole, independentemente da classe social a que pertencem. A violência tornou-se uma categoria mundializada, transnacional e transmediática que atravessa, indistintamente, sociedades e grupos sociais. Entretanto, sabemos há muito, os jovens da favela e das habitações de periferia convivem bem mais de perto com esta realidade¹⁹. Trafegar pelas ruas da cidade supõe correr riscos e aprender a conviver com o medo. O relato de uma das meninas da Família 1, apenas reitera o que já se sabe: *Eu conheço esse pedaço todinho; só não vou para longe, porque tenho medo de ser seqüestrada, assaltada. Minha casa já foi assaltada, queria roubar uma televisão da minha mãe. Eu tinha cinco anos. Foi muito triste, minha mãe quase morreu. Mas não gosto de lembrar disso, porque começo a chorar.*

Ao cenário de violência urbana mistura-se outro, da tela da TV, que reforça a perversa teia de relações que articula *meios e medos* e suscita outras reflexões sobre o sentido de uma *estética da violência*²⁰. É a mesma garota que afirma: *Adoro*

filme de bang-bang na TV. Fico ali sentada e me desligo do mundo. Gosto de bang-bang porque tem muitos tiros e todo mundo dá 'porrada' um no outro: aí eu gosto! Entretanto, quando solicitada a responder sobre os *tiroteios* na favela *real*, a resposta é enfática: *Só gosto de tiros na telinha, porque aqui é vida real, aqui o tiro acerta em gente de verdade: lá não! Na telinha, não é de verdade; na telinha eles se protegem com coletes a prova de bala; aqui, na verdade, a gente morre: lá não!*

Há outros inúmeros exemplos, da esfera do cotidiano, consumo, lazer e da relação com as mídias, que poderiam ser aqui analisados, a partir dos depoimentos destes jovens. Eles permitiriam reiterar, uma vez mais, os principais pontos propostos por esta reflexão: a universalidade e a singularidade do juvenil; o nomadismo; a importância do cotidiano e do consumo como elementos de significativa relevância para a qualificação destes jovens.

O quadro que daí resulta, poderia ser assim avaliado: diante dos numerosos influxos resultantes de um processo desigual e aguçado de modernização, frente a uma desordem cultural que dificulta a escolha de alternativas e de percursos, os jovens seguem tentando construir referências, estilos e modos de vida. Ora respondem por algumas características universalizantes inerentes à sua condição de jovem - gostam das mesmas músicas, ouvem as mesmas rádios, lêem revistas especializadas, preferem filmes de aventura e suspense, assistem aos mesmos programas de TV -, ora replicam, particularizando situações, de acordo com sua própria condição singular de classe, escolaridade, etnia, gênero. Atravessam e invadem territórios; subvertem a ordem, na tentativa de escapar da rigidez institucional, familiar e da perversa desigualdade social; adequam-se e ocupam novos cenários desenhados no bairro e na cidade; buscam construir *repertórios compartilhados* negociando sentidos e articulando novas tecnologias, narrativas mediáticas e narrativas do cotidiano geradoras de novas formas sociabilidade, percepção e sensibilidade.

SILVIA HELENA SIMÕES BORELLI é professora do Departamento de Antropologia e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP.

NOTAS

* Recepção de telenovela: uma exploração metodológica. Pesquisa Interinstitucional, financiada pelo CNPq e FAPESP, entre 1996 e 1999 e articulada a três universidades: Universidade de São Paulo (ECA), Pontifícia Universidade Católica de So Paulo (Faculdade e Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais) e Universidade Estadual Paulista (Faculdade de Psicologia). Uma versão mais atualizada desta pesquisa foi recentemente publicada: LOPES, M. Immacolata Vassalo; BORELLI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera. *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade*. São Paulo, Summus, 2002.

1. Dezoito, no total, entre estudantes de graduação, mestrado e doutorado das áreas de ciências sociais e comunicação, além de três pesquisadoras doutoras das áreas de comunicação, antropologia e psicologia (M. Immacolata Vassalo Lopes, Silvia Helena Simões Borelli e Vera Resende).

2. Entrevistas: Cotidiano, Gêneros Ficcionais, Produção/Videotécnica e Subjetividade; Grupos de Discussão; História de Vida e História de Vida Cultural; Observação Etnográfica; Questionário do Consumo; Telenovela Reeditada; Mídia Impressa.

3. Martín-Barbero, Jesús. *De los medios a las mediaciones*. México, G. Gili, 1987.

4. É importante esclarecer que no momento de realização do trabalho de campo existia uma relação de quase paridade entre as moedas norte-americana e brasileira.

5. Martín-Barbero, Jesús. “Jóvenes: des-ordem cultural y palimpsestos de identidad”. IN Cubides, H. J.; Toscano, M. C. L.e Valderrama, C. E. (org). *Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*, op. cit, p. 22-23 e 30.

6. Ver, sobre trânsitos juvenis na metrópole: RAMOS, J. Mario Ortiz e BORELLI, Silvia Helena Simões. “Os *office-boys* e a metrópole: lutas, luzes e desejos” In: *Revista Desvios*. Nº 4. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985, pp. 92-108.

7. As noções de *fluxo* e *estrutura de sentimento* são de Raymond Williams e podem ser localizadas em: *Marxismo e literatura*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1979 e *The long revolution*, London, Penguin Books, 1984.

8. Rossana Requillo acrescenta a este quadro, outras variáveis: o triunfo do discurso neoliberal, o empobrecimento crescente de amplos setores da população e a descrença dos canais de representação, principalmente partidos e sindicatos (“El año dos mil, ética, política y estéticas: imaginarios, adscripciones y prácticas juveniles”. IN Cubides, H. J.; Toscano, M. C. L.e Valderrama, C. E. [org]. *Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*, op. cit, p. 59).

9. BORELLI, Silvia Helena Simões; ROCHA, Rosamaria Luiza de Melo (coord). *Jovens urbanos: concepções de vida e morte, experimentação da violência, consumo cultural*. São Paulo, Projeto Fapesp, 2002, p. 7. Este projeto compõe uma rede internacional de pesquisadores, em seis países (Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Espanha e Inglaterra), e seu

objetivo é refletir, a partir de um protocolo metodológico comum, sobre as possíveis articulações entre juventude, consumo, violência e imagens de vida e morte.

10. Morin, Edgar. “Juventude”. IN *Cultura de massa no século XX. Neurose*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1984.

11. Os conceitos de *habitus, gosto de classe e estilo de vida* são aqui utilizados de acordo com Bourdieu, Pierre. *La distinción*. Madrid, Taurus, 1991.

12. CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1995, p. 51 e 56.

13. Ver no Quadro 1 informações gerais sobre as famílias que serão freqüentemente citadas daqui para frente. Os trechos grafados em itálico foram retirados das entrevistas realizadas e reproduzem fragmentos das *falas* destes jovens.

14. MARGULIS, M. e URRESTI, M. “La construcción social de la condición de juventud”. IN Cubides, H. J.; Toscano, M. C. L. e Valderrama, C. E. (org). *Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*, op. cit, p. 5-6.

15. E isto se agrava, ainda mais, quando se trata da Família 1, que vive em uma favela: Fernanda, de 11 anos, trabalha nas ruas, como vendedora ambulante; Sheila, de 10 anos, trabalha com a mãe, como faxineira e empregada doméstica, em casas particulares.

16. A posse deste tipo de aparato doméstico diminui, expressivamente, quando se trata da Família 1.

17. Algumas informações sobre uso de Internet no Brasil, próximo ao período de análise dos dados da pesquisa de campo: 1) Pesquisa do IBOPE realizada no início de 1998 revela a existência de cerca 1,5 milhões de internautas, 85% concentrados nas classes A e B; 2) Pesquisa, da MARPLAN, no mesmo período, constata que 89% dos entrevistados declaram conhecer ou ter ouvido falar em Internet; entretanto, apenas 7% declara ser usuário desta nova tecnologia (Jornal *Folha de São Paulo*, São Paulo, 17/06/98).

18. *Distinção e legitimidade* estão sendo aqui utilizados de acordo com Bourdieu, Pierre. *La distinción*, op.cit.

19. MARCIGLIA, Regina; OLIVEIRA, Isaura Isoldi M. C.; PAVEZ, Graziela A. *Consolidação da Política pública de atenção às vítimas de violência*. São Paulo, Pesquisa Fapesp, 1998-2003.

20. Sobre a relação entre *meio e medos* ver: Martín-Barbero, Jesús. “La ciudad: entre medios y miedos”. IN *Imágenes y reflexiones de la cultura en Colombia*. Bogotá, Colcultura, 1990 e Martín-Barbero, Jesús. “Jóvenes: des-ordem cultural y palimpsestos de identidad”. IN Cubides, H. J.; Toscano, M. C. L. e Valderrama, C. E (org). *Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*, op.cit, pp. 28-29. Sobre *estetização da violência*, ver: Rocha, Rosamaria Luiza de Melo. *Estética da violência. Por uma arqueologia dos vestígios*. São Paulo, ECA-USP, 1998 (tese do doutorado).